

# INTERTEXTUALIDADE: UM ELO ENTRE A BÍBLIA E A MÚSICA GOSPEL

Francimaria Machado do Nascimento <sup>1</sup>

UESPI <sup>2</sup>

## RESUMO

O crescente número de textos que fazem menção referindo-os com outros textos requer do leitor e/ou aprendiz uma atenção detalhada, o que não ocorre sempre que lemos. O presente artigo visa à observação do uso e dos conceitos de intertextualidade a fim de proporcionar ao leitor-interlocutor uma visão mais relevante a respeito do uso e da compreensão do significado de intertextos com o objetivo de demonstrar a possibilidade de compreendê-los através de leituras que transitam em nosso cotidiano. Contamos com a leitura bibliográfica e pesquisa qualitativa para que possamos tecer um arcabouço teórico plausível no estudo por meios de leitura diversas. Para alicerçar o trabalho em questão, contaremos com a apreciação dos teóricos Bentes & Leite (2010), Koch (2005; 2007), Mondada & Dubois (2003), entre outros. Após essa compreensão será ressaltada a importância do texto e sua efetiva participação na vida do leitor e como o mesmo pode interferir no processo de compreensão da intertextualidade presente em vários segmentos que vão além dos textos literários e não-literários mediante a comparação e análise de um trecho retirado do livro cristão, a Bíblia; e de uma música *gospel*. Acreditamos que esse trabalho contemplou a detecção da intertextualidade e o entendimento na análise dos trechos supracitados. Concordamos que não impossível o uso da intertextualidade em diversos gêneros textuais bem como o acesso a interpretação deles.

**PALAVRAS-CHAVES:** intertextualidade, leitor, Bíblia, música, *gospel*.

---

1 Mestra em Letra - Estudos da Linguagem

2 Vínculo com a Universidade Estadual do Piauí

## **ABSTRACT**

The increasing number of texts that mention them with other texts requires the reader and/or apprentice to have detailed attention, which does not occur every time we read. This article aims at observing the use and concepts of intertextuality for the purpose to provide the reader-interlocutor with a more relevant insight with the use and understanding of the meaning related to intertexts in order to demonstrate the possibility of understanding them through readings that circulate in our daily lives. We have the bibliographical reading and qualitative research so that we can make a plausible theoretical framework in the study by means of several readings. The main base of the work in question, we will have the appreciation of the theorists like Bentes & Leite (2010), Koch (2005; 2007), Mondada & Dubois (2003), among others. After that, it will be emphasized the importance of the text and its effective participation in the life of the reader and how it can interfere in the process of understanding the intertextuality. It is possible to verify its presence in several segments that go beyond literary and non-literary texts through the comparison and analysis of an excerpt taken from the Christian book, the Bible and a gospel music. We believe that this work contemplated the detection of intertextuality and the understanding in the analysis of the aforementioned passages. We agree that it is not impossible to use intertextuality in several textual genres as well as access to interpretation of them.

**KEY-WORDS:** intertextuality, reader, Bible, gospel, music.

## **1. INTRODUÇÃO**

À medida que o tempo passa, os estudos sobre texto, leitura e os processos que permeiam a existência deles, vão evoluindo. A fim de compreendê-los, no âmbito da linguística textual e dos avanços que a mesma vem obtendo ao longo das pesquisas, muitos teóricos têm feito descobertas e assertivas sobre o elemento texto. Nessa modalidade de estudo, pretende-se abordar teorias que já estão presentes na Linguística Textual que contribuem para a compreensão de diversos contextos, e a partir das mesmas, apoiar as ideias que serão desenvolvidas no que diz respeito à exploração da Intertextualidade.

A necessidade de apontar através dos intertextos as conexões com as teorias e esclarecer o uso das estratégias é uma prerrogativa essencial para dar respaldo ao artigo em questão a fim de sinalizar ao leitor a possibilidade de desvendar os tesouros

interpretativos escondidos ou subentendidos nas entrelinhas dos textos, além de contar com a colaboração do leitor em relação ao seu conhecimento de mundo. O mesmo traz consigo esse conhecimento, consciente ou não, o utiliza para desenrolar sua compreensão ao percorrer o texto fazendo ligações com as citações ou referências.

As pretensões metodológicas para este artigo se estabelecem, priorizando a discussão que tem por base por uma observação empírica, que pretende iniciar a discussão sobre aspectos específicos do texto e principalmente da intertextualidade por meio de teorias e exemplos como trechos da Bíblia e música evangélica / gospel.

Os conceitos sobre texto e intertextualidade são estabelecidos em relação com a leitura de autores da área da Linguística Textual. Ou seja, neste artigo tenta-se relatar o conceito de texto e intertextualidade segundo KOCH (2004, 2005, 2007), GENETTE (1982), BEAUGRANDE & DRESSLER (1981), KOCH, BENTES & CAVALCANTE (2007), MONDADA & DUBOIS (2003), etc.

## **2. A VIRADA PRAGMÁTICA E COGNITIVA**

A virada pragmática contribui para a compreensão do texto em termos que já estavam sendo estudados. Ou seja, os linguístas acreditavam que precisavam avançar além de uma abordagem sintático-semântica, considerando o texto como uma unidade de comunicação/interação humana. Dessa forma, os textos passaram a ser vistos como um processo comunicativo dentro de uma sociedade concreta, não resumindo o estudo da língua a um mero sistema autônomo. A virada cognitiva, que culminou na década de 80, retrata a nova orientação nos estudos do texto mediante a tomada de consciência da ação necessária acompanhados dos processos de ordem cognitiva. A partir disso, o texto é visto e considerado como resultado de processos mentais, onde os saberes acumulados estão estocados na memória de acordo com a vivência da vida diária e das experiências que a mesma proporciona a cada indivíduo de modo peculiar. Para Beaugrande & Dressler (1981, p. 37), o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas, eles afirmam que o texto é “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”. Pensa-se que as estratégias cognitivas também são ou podem ser consideradas estratégias do uso do conhecimento, elas não dependem somente das características do texto, recrutam as características dos usuários da língua no que diz respeito a sua cultura, concepções, convicções, desejos, conhecimento de mundo, etc.

Compartilha-se a significância dessa afirmação ao discorrer sobre a capacidade de aprendizagem do ser humano. Cada indivíduo tem guardado na memória as experiências de mundo e de conhecimentos diversos, das quais conta com a ajuda do uso das novas tecnologias para extrair informações que permitirão um crescimento intelectual e cultural através do uso da linguagem.

A leitura pode envolver um texto impresso, texto eletrônico, fotos, quadros, figuras, etc. nas mais diferentes modalidades. Diante dos vários conceitos de leitura, Koch (2005, p. 16-20) diz que “o texto depende das concepções que se tenha da língua e do sujeito”. Quem dá vida à leitura é o leitor a partir do momento que atua com o texto usando suas próprias estratégias; por isso, imagina-se que em cada leitor há um universo. Nas atribuições cognitivas do leitor, existe uma gama de conhecimento de mundo, inerente a sua existência e proveniente de sua experiência pessoal ou coletiva, isto é, é a sociedade que o liga ao conhecimento social, histórico e cultural. Dessa forma, a linguagem será sempre um elo de interseção para a realização eficaz ou a tentativa da mesma porque a linguagem é essencialmente um dispositivo para a construção do conhecimento (Fauconnier, 1997, p. 190 – 1 apud Salomão, p. 75).

Com base nessa ideia de leitor e no cerne de sua existência, há um universo de conhecimento individuais e atemporais diversificados de acordo com cada um e com a crença que todo texto tem um propósito comunicativo e/ou objetivo. A fim de alicerçar o já dito, toma-se a visão de Koch (2005) sobre os tipos de leitores e textos, dentre os quais, a autora destaca: a representação de pensamento – sujeito senhor de suas ações e de seu dizer - o texto visto como um produto lógico; enquanto língua como código, o texto é um produto de codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte.

Já na concepção interacional (dialógica) de língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação, nele se constroem e são construídos. Já para Marcuschi (2008, p. 133 apud Bentes & Leite 2010, p.392) o texto assume a noção de texto como “um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Esta ideia recupera a concepção da virada cognitiva que considerada a leitura um ato de interação, respaldado no tripé autor-leitor-texto. Para configurar essa assertiva, Bentes & Leite (2010) relatam que os principais teóricos brasileiros no campo dos estudos do texto assumem em suas

elaborações do conceito de texto que este é um lócus de convergência de ações humanas de natureza multissemiótica, interativa e social.

### **3. ASPECTOS DA INTERTEXTUALIDADE**

Considerando-se um sentido amplo, tais como os textos escritos, a música, a propaganda, o contexto visual relacionada a uma conversa, ou um diálogo com outros textos, denomina-se intertextualidade. Kock, Bentes e Cavalcante (2007) retratam que o conceito de intertextualidade surgiu no âmbito da crítica literária mediante o dizer da autora Julia Kristeva (1974) onde todo texto é realmente um mosaico de citações de outros textos. Julia Kristeva apoiava-se nos estudos Bakhtiniano do dialogismo demarcando que qualquer enunciado é resposta a enunciados anteriores e potencializa o surgimento de outros enunciados, quer imediatos, quer distantes; portanto, se torna constitutiva a relação que um texto estabelece com outros.

Sempre há diversas possibilidades de aprender algo que para alguns é novo, enquanto para outros, é totalmente ou parcialmente conhecido, torna-se importante perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo (MONDADA & DUBOIS, 2003).

No campo da referência sempre há exemplos capazes de melhorar o entendimento do leitor/interlocutor. Há diversos exemplos que são possíveis identificar referências, pois ‘a língua refere o mundo’<sup>3</sup>, sendo possível exemplificar através de provérbios, ditos populares, frases bíblicas, trechos de livros usados muitas vezes, citados e reconhecidos, isto é, são comuns na sociedade, sendo que nem sempre se apresentam totalmente preservados, alguns ou a maioria podem aparecer modificados. Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 150) expõem que “a referência diz respeito ao processo de remissão a outro texto sem, necessariamente, haver citação de um trecho”. Neste caso, temos como exemplo a Bíblia, presente intertextualmente no uso de vários textos.

A intertextualidade atua nas diversas esferas da linguagem. Apesar dos exemplos citados do uso de trechos na propaganda, a essência do contexto é delicada, pois se faz ressalvas quanto ao uso dessa intertextualidade na música cristã. Os cantores usam

---

3 Cf. MONDADA, L. & DUBOIS, D. 2003, p. 18.

trechos bíblicos na constituição e/ou criação de uma canção retirando certas citações e alusões que circulam nas letras das músicas da Bíblia que podem remeter a outras músicas, outros textos, e valer-se de uma criação que não é totalmente nova, mas inova com uma mensagem semelhante ou diferente. Nesse ínterim, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) expressam que a diferença entre referência e alusão no contexto da descrição da intertextualidade por co-presença. A alusão é uma espécie de referenciação indireta, como uma retomada implícita, enquanto a referência apresenta marcas explícitas.

Há intertextualidade no recurso da paródia em textos ou citações humorísticas ou relatos da vida real. Dessa forma, paródia é usada tanto em tom de humor, isto é, num sentido humorístico como para ridicularizar algo ou alguém através das modificações totais ou parciais de um texto. A paródia, além de promover momentos de risos, concede autoridade aos autores/escritores a arriscarem-se a fim de promover momentos de reflexões e/ou uma inusitada forma de pensar a partir de acontecimentos da própria realidade. Contando com o exposto, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 155) discorrem sobre o uso da paródia em que a mesma é “um recurso bastante criativo que se constrói a partir de um texto-fonte retrabalhado – ou seja, há uma *transformação de um texto-fonte*” - com o intuito de atingir outros propósitos comunicativos, não só humorísticos, mas também críticos, poéticos etc.

#### **4. A INTERTEXTUALIDADE NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

O conceito de intertextualidade centrado na criação do intertexto. A intertextualidade é a absorção e transformação de outro (CRISTEVA in CARVALHAL, 1992, p. 50), em outras palavras, o texto equivale-se da criação de um texto a partir de um outro já existente. O reconhecimento de um intertexto depende do leitor, se o mesmo já leu em algum momento o texto exposto ou não, se mesmo sem ler, consegue reconhecer que o intertexto é uma formação proveniente de outro texto/ trecho que se repete.

#### **5. O LEITOR E O INTERTEXTO**

Os textos não são puros quando trazem consigo resquícios de outros (orais ou escritos). O leitor, que é um receptor da mensagem, ao ler um texto/ trechos de um, ou ainda um intertexto, usa e ativa a memória e os conhecimentos tanto de mundo como de

sua própria cultura no intuito de encontrar e dá significado ao texto, buscando experiências no texto. A diversificação interpretativa muda de leitor para leitor por acreditar-se que cada indivíduo tem experiências de vida bastante diferentes ou em alguns casos semelhantes, jamais são experiências totalmente iguais. Com base nesse pensamento, cada leitor tem um “Background Knowledge” ou “Conhecimento Prévio/Conhecimento de mundo” único.

A capacidade de interpretação melhora em cada um a partir do momento que o leitor descobre que possui habilidades para entender o sentido do texto pautado no seu poder de interpretação.

## 6. TRECHO DA BÍBLIA E MÚSICA EVANGÉLICA

Nessa etapa pretende-se apresentar um trecho da Bíblia Sagrada, o qual se localiza no livro de João capítulo 11, nos versículos 1-42. Em alguns versículos, palavras ou expressões estão sublinhadas para demonstrar a ligação das mesmas com a análise e conexão que circundam a música evangélica escolhida e a teorias de intertextualidade. O processo metodológico de análise contempla as teorias já abordadas através dos estudiosos da área em questão, no caso, os teóricos da LT, e através das mesmas observa-se o propósito proposto para detectar a intertextualidade presente entre o texto da Bíblia e a música.

### João - Capítulo 11

- 1 - ESTAVA, porém, enfermo um certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta.
- 2 - E Maria era aquela que tinha unguido o Senhor com unguento, e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfermo.
- 3 - Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas.
- 4 - E Jesus, ouvindo isto, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.
- 5 - Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.
- 6 - Ouvindo, pois, que estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde estava.
- 7 - Depois disto, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judéia.
- 8 - Disseram-lhe os discípulos: Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá?
- 9 - Jesus respondeu: Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo;
- 10 - Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.

- 11 - Assim falou; e depois disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono.
- 12 - Disseram, pois, os seus discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo.
- 13 - Mas Jesus dizia isto da sua morte; eles, porém, cuidavam que falava do repouso do sono.
- 14 - Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto;
- 15 - E folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse, para que acrediteis; mas vamos ter com ele.
- 16 - Disse, pois, Tomé, chamado Dídimo, aos condiscípulos: Vamos nós também, para morrermos com ele.
- 17 - Chegando, pois, Jesus, achou que já havia quatro dias que estava na sepultura.
- 18 - (Ora Betânia distava de Jerusalém quase quinze estádios.)
- 19 - E muitos dos judeus tinham ido consolar a Marta e a Maria, acerca de seu irmão.
- 20 - Ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa.
- 21 - Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido.
- 22 - Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.
- 23 - Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar.
- 24 - Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia.
- 25 - Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;
- 26 - E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?
- 27 - Disse-lhe ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo.
- 28 - E, dito isto, partiu, e chamou em segredo a Maria, sua irmã, dizendo: O Mestre está cá, e chama-te.
- 29 - Ela, ouvindo isto, levantou-se logo, e foi ter com ele.
- 30 - (Ainda Jesus não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar onde Marta o encontrara.)
- 31 - Vendo, pois, os judeus, que estavam com ela em casa e a consolavam, que Maria apressadamente se levantara e saíra, seguiram-na, dizendo: Vai ao sepulcro para chorar ali.
- 32 - Tendo, pois, Maria chegado aonde Jesus estava, e vendo-o, lançou-se aos seus pés, dizendo-lhe: Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido.
- 33 - Jesus pois, quando a viu chorar, e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito, e perturbou-se.
- 34 - E disse: Onde o pusestes? Disseram-lhe: Senhor, vem, e vê.
- 35 - Jesus chorou.
- 36 - Disseram, pois, os judeus: Vede como o amava.
- 37 - E alguns deles disseram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?
- 38 - Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, veio ao sepulcro; e era uma caverna, e tinha uma pedra posta sobre ela.
- 39 - Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: SENHOR, já cheira mal, porque é já de quatro dias.
- 40 - Disse-lhe Jesus: Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?

41 - Tiraram, pois, a pedra de onde o defunto jazia. E Jesus, levantando os olhos para cima, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido.

42 - Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste.

43 - E, tendo dito isto, clamou com grande voz: Lázaro, sai para fora.

44 - E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o, e deixai-o ir.<sup>4</sup>

## MÚSICA: ALINE BARROS

### Título: Ressuscita-me<sup>5</sup>

Mestre eu preciso de um milagre  
Transforma minha vida o meu estado  
Faz tempo que não vejo a luz do dia  
Estão tentando sepultar minha alegria  
Tentando ver meus sonhos cancelados  
Lázaro ouviu a sua voz, quando aquela pedra removeu  
Depois de quatro dias ele reviveu  
Mestre não há outro que possa fazer  
Aquilo que só o teu nome tem todo poder  
Eu preciso tanto de um milagre

Remove minha pedra  
Me chama pelo nome  
Muda minha história  
Ressuscita os meus sonhos  
Transforma minha vida  
Me faz um milagre  
Me toca nessa hora  
Me chama para fora  
Ressuscita-me

Tu és a própria vida  
A força que há em mim  
Tu és o filho de Deus  
Que me ergues pra vencer  
Senhor de tudo em mim  
Já ouço a tua voz  
Me chamando pra viver  
Uma história de poder!

---

4 Fonte: <http://www.bibliaevangelica.com.br>

5 Fonte: <http://www.vagalume.com.br>

O reconhecimento da referência na intertextualidade é vital para a compreensão do texto. Nessa trajetória MONDADA & DUBOIS (2003) argumentam que existe um poder referencial da linguagem que é fundado ou legitimado por uma ligação direta (e verdadeira) entre as palavras e as coisas. Com base nessa observação, a música “Ressuscita-me” exposta acima, em relação ao trecho da Bíblia citado, mantém uma relação de referência. Na referenciação, as marcas explícitas são direcionadas; primeiro: aos nomes dos autores do livro da Bíblia “João” e o capítulo endereçado; porém, o nome da cantora e o título da música remetem a uma citação direta.

A referência e a alusão estão presentes na identificação da intertextualidade. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007) comentam que a alusão é uma espécie de referenciação indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o coenunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito.

De posse dessa informação valiosa, há palavras e expressões entre o trecho bíblico e a música que colidem para uma análise intertextual que terá como arcabouço a observação dos mesmos e o reconhecimento destas palavras e expressões implícitas a fim de incentivar o leitor e/ou ouvinte a identificar as marcas referentes através das enunciações feitas. No trecho do livro de João, o ocorrido com Lázaro, fora relatado paulatinamente.

Quando a notícia da morte de Lázaro chega ao conhecimento de Jesus, este reporta que é para a glória do “Filho de Deus” fazendo uma alusão direta ao próprio Cristo. Varias vezes o nome de Lázaro é repetido, conectando-o a música “Ressuscita-me” e demonstrando que Jesus, de fato, conhecia-o. Quando a palavra “Mestre” surge na mensagem de João 11, a mesma **remete**<sup>6</sup> a Jesus.

A familiaridade do leitor/ouvinte com a música e com o trecho bíblico, para que de fato aconteça à intertextualidade, é necessário que este tenha um conhecimento sobre os ensinamentos da Bíblia. Embora muitos não tenham lido a Bíblia, são considerados capazes de compreender; principalmente quem já ouviu falar ou leu em algum lugar a respeito desses ensinamentos.

---

6 Grifo meu

Na música chamada de “Ressuscita-me” o ouvinte se depara com a palavra “Mestre”. A alusão a essa palavra está presente em João 11, onde a mesma clama pela atenção de Jesus a fim de pedi-lo que realize um milagre. Na música as palavras “luz”, “sepultar” e “pedra” referem-se a morte de Lázaro, um vez sepultado, colocado em um jazigo, não há mais a luz do dia, tudo escuro está, a pedra impede a penetração da luz, pois sepultado, desaparecido da vida, estava Lázaro com quatro dias.

As expressões “remove a minha pedra, ressuscita os meus sonhos, transforma a minha vida, me chama para fora” aludem a uma metalinguagem que provavelmente o defunto poderia usar se pudesse falar com Cristo, pedindo que o liberta-se da morte; porém, outra alusão poderia ser interpretada, como se alguém, embora vivo esteja, pedindo pela intervenção divina para voltar a viver, a espera de um milagre, pedindo o avivamento dos sonhos abandonados ou sepultados.

Mudar a vida e chamar para fora, posicionam-se como algo pertinente a situação vivida pelo ressuscitado, que daquele momento em diante, teve sua vida mudada após sair do sepulcro. Na música, a intertextualidade atua no reconhecimento do texto bíblico na canção e ao mesmo tempo, evoca mensagens de esperança entre o presente e o passado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de ler um texto não se configura a um único estilo ou conceito, como considera-se o leitor dotado de um universo ímpar, vários modos de apossar-se da compreensão de um texto, com certeza, divergem. As viradas pragmáticas e cognitivas em muito tem contribuído para o desvendamento dos mistérios de um texto, pois utiliza outras formas, além das já estudadas, para aprofundar os conhecimentos sempre pautados na capacidade de interpretação do leitor. A Linguística de Texto tem alcançado novas descobertas com os estudos de autores e professores ao longo do seu desenvolvimento.

O questionamento do uso da intertextualidade na interpretação e classificação do intertexto pelo leitor e a (re)criação pelo autor desafia a qualquer no intuito de responder como os saberes inerentes em cada leitor-interlocutor intervieram para dar significação e detectar as etapas que verificam a existência da presença intertextual. A análise de ambos exemplifica que em muito pode contribuir com o aumento das teorias e conceitos

sobre a intertextualidade, e que resgatar a significação que o leitor-interlocutor traz para o texto ou intertexto é fundamental.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENTES, Anna C. & LEITE, Marli Q (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. Londres, New York: Longman, 1981.

CARVALHAL, Tania. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1992.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005. 168 p.

KOCH, Ingedore G. V, BENTES, Ana C, CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação**. São Paulo: Contexto, p. 17 – 49, 2003.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem**. Veredas: revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v 3 – n1 – p. 61 a 79.